

GUIA ILUSTRADO DE

Vinte e cinco Aves de Lisboa





Vinte e cinco
Aves
de Lisboa





Lisboa acolhe uma grande biodiversidade nos seus variados ambientes: a zona ribeirinha do estuário do Tejo, o Parque Florestal de Monsanto, os parques e jardins dispersos por toda a cidade, os inúmeros bairros e pequenos logradouros, as ruas mais movimentadas...

A classe das aves é sem dúvida uma das mais representadas, de entre a diversidade faunística que aqui ocorre. Por toda a cidade encontram boas condições de alimentação, locais de nidificação e refúgio.

Este relevante grupo de animais é muito importante para a manutenção dos ecossistemas e para a nossa qualidade de vida. Contribui, entre outros aspetos, para a polinização das flores, para o controlo de pragas e para a dispersão de sementes, sendo a sua presença apreciada por muitos que desfrutam do seu canto, admiram a sua plumagem colorida e surpreendem-se com as suas tão distintas formas.

Todos nos apercebemos da existência das aves à nossa volta mas nem sempre nos apercebemos da sua variedade. Só em Lisboa foram registadas mais de 140 espécies entre 2005 e 2010, desde aves aquáticas e limícolas, passando pelas aves de rapina diurnas e noturnas, até aos inúmeros passeriformes.

Naturalmente é no Parque Florestal de Monsanto que a diversidade é maior, não só por constituir uma floresta relativamente grande, mas também devido aos diversos nichos que o compõem: zonas de clareira, lagos, construções em ruínas, matas... Já na zona ribeirinha ocorrem espécies típicas de ambientes marinhos e estuarinos. Ali podemos surpreender-nos com a presença de aves que não associamos a uma cidade, como flamingos ou colhereiros, que procuram alimento remexendo o lodo.

O Guia Ilustrado de Vinte e Cinco Aves de Lisboa convida-o a conhecer as características, os hábitos e onde observar 25 espécies comuns em Lisboa. Algumas delas serão certamente conhecidas, outras poderá vir a descobri-las...

Vinte e cinco aves de Lisboa

Porque e como observar aves



O fascínio das aves surge naturalmente ao repararmos no canto melodioso de um melro ao fim do dia, no voo acrobático das andorinhas em busca de água e de terra, nas manchas velozes de estorninhos sobrevoando a cidade, nas formas incríveis e díspares dos ninhos. Ao identificarmos algumas espécies diferentes, começamos a distingui-las de outras cujos cantos, cores e formas não reconhecemos... Surge então o anseio por descobrir do que se trata! Para isso, será preciso observar a ave detalhadamente, conhecer os seus comportamentos, saber os habitats onde ocorre e ter consigo a ferramenta indispensável: um guia de aves.

Para iniciar-se na observação de aves, não é preciso ir longe... Mesmo morando numa cidade como Lisboa, aí encontrará habitats distintos e como observador principiante não deixará de se surpreender com a diversidade da avifauna em meio urbano. Porque não começar pelo jardim mais próximo, o seu próprio quintal ou a sua rua? Depois poderá visitar outros jardins, fazer um percurso em Monsanto ou na zona ribeirinha e verá como a avifauna diferirá entre locais.

As melhores alturas do dia para a observação de aves são o nascer e o pôr do sol, alturas em que estarão mais ativas, sendo por isso mais visíveis e audíveis. Em dias com vento ou precipitação estarão mais reservadas e por isso a observação será menos produtiva. Deve evitar-se fazer barulho e manter-se sempre uma certa distância, de forma a não perturbar as aves e não danificar o seu ambiente, principalmente durante a época de nidificação. Se usar roupas de cores discretas, caminhar calmamente e aproveitar elementos da paisagem para conseguir uma camuflagem, terá melhores resultados.

Para conseguir observar algumas espécies ou certos detalhes da coloração da plumagem, vai necessitar de binóculos, uma ferramenta que se tornará essencial à medida que for progredindo. Um caderno de campo será útil para registar as espécies observadas, apontar características dos habitats visitados, descrever comportamentos peculiares ou outros aspectos que queira lembrar.

Ao observar uma ave, repare no local exato onde se encontra e no seu comportamento: se está a flutuar na água, a cantar no topo de uma árvore, a vocalizar durante a noite, a comer sementes no solo... É o primeiro passo para a sua identificação, pois poderá desde logo excluir as espécies que



não ocupem esse habitat, não exibam esse comportamento e/ou não consumam esse alimento. Tenha atenção à postura da ave em repouso ou a vocalizar, ao tipo de voo (rápido, planado, com movimentos bruscos...), se está sozinha ou se desloca em bando.

Os bicos e a sua função



Pisco Fino, para capturar insetos



Pato Achatado, para filtrar



Peneireiro Com gancho, para rasgar carne



Pardal Grosso, para partir grãos



Pilrito Estreito, para debicar



Gaivota Curvado e afiado, para pescar e rasgar

O tamanho, forma e coloração da plumagem são os aspectos seguintes a ter em conta. Uma ave com cores vivas atrairá mais o olhar do que uma pardacenta. Mas a plumagem das aves pode variar com a idade e ser diferente entre machos e fêmeas.

As patas e a sua função



Pato Com membranas, para nadar



Falcão Com garras, para caçar



Coruja Com garras e pelos, para caçar durante a noite



Pica-pau Com dedos opostos, para trepar



Pombo Para caminhar e saltitar

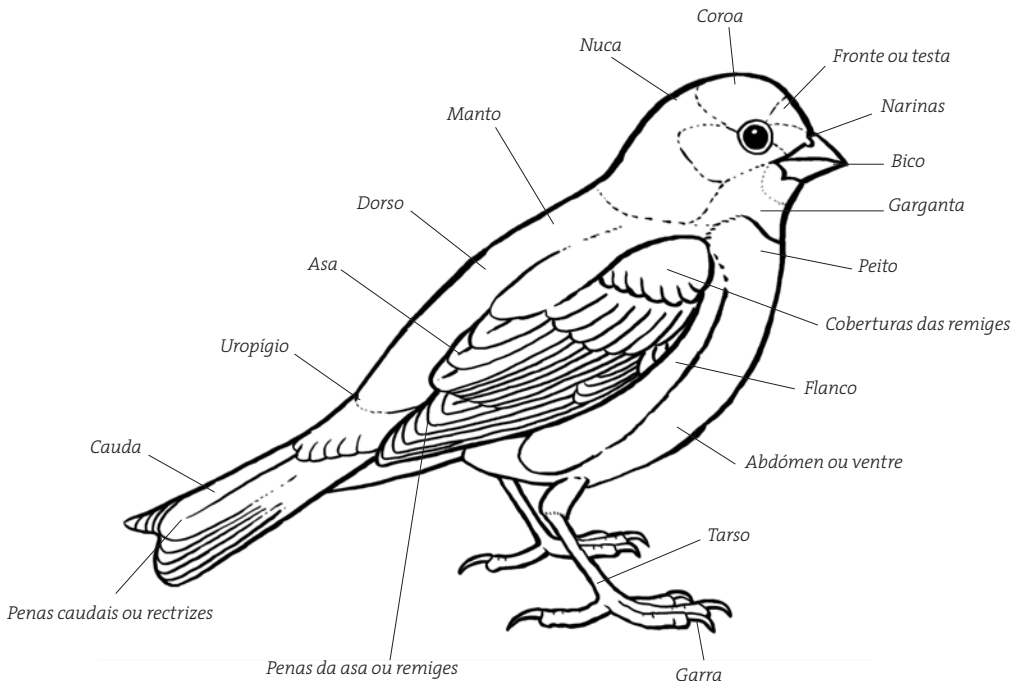


Passeriforme Finas, para se agarrar aos ramos

Muitas aves exibem cores contrastantes em determinadas regiões do corpo, pelo que deve procurar visualizar a cor do peito e do dorso, eventuais manchas coloridas nas asas, barras contrastantes na cauda, “coroas” na cabeça... Observe também atentamente a forma do bico e das patas, considere o comprimento e posição da cauda, compare o tamanho com outras aves que lhe estejam próximas.

Lembre-se que algumas espécies são residentes, enquanto outras, as aves migratórias, apenas ocorrem nalgumas épocas do ano, o que também é um dos factores a ter em conta na identificação das espécies.

Por último, é importante referir que todas as aves são protegidas pela legislação nacional. As 25 espécies aqui apresentadas têm um estatuto de ameaça *Pouco Preocupante*, no entanto, há populações noutras regiões do mundo que estão em declínio, o que torna a sua conservação muito relevante. Apesar do nosso fascínio pela observação de aves, não nos devemos esquecer que o seu bem estar é mais importante do que a nossa vontade de as observar. A nossa contribuição pode passar muito simplesmente pela adoção de uma conduta responsável!



Família

Grupo taxonómico que compreende um ou mais géneros.

Ordem

Grupo taxonómico que compreende uma ou mais famílias.

Comprimento

Distância do bico à cauda, em centímetros.

Nome comum

Nome popular ou vulgar. Diferente nas várias línguas e pode variar de região para região.

Fenologia

Uma espécie pode ser residente 🏠, invernante ❄️ ou estival ☀️.

Envergadura

Medida das asas abertas, em centímetros.

Nome científico

Único para cada espécie e igual em todo o mundo. Constituído por dois nomes em latim, o primeiro corresponde ao género, o segundo à espécie.

Dimorfismos

Diferenças morfológicas observáveis entre machos ♂ e fêmeas ♀.

Escala comparativa

Figura do pombo, a cinzento, (ver pág. 14) para melhor percepção do tamanho real da ave.

Características distintivas

Aspetos que se destacam, úteis na identificação das espécies.

Chamariz

Serinus serinus

11,5 cm 20 cm
23 cm

Passeriforme
Fringillidae

Bico curto

♂ ♀

Identificação

Da família dos canários, o seu canto característico e inconfundível é um dos mais ouvidos nos nossos jardins na primavera. É um pequeno pássaro, de bico curto, com a plumagem riscada, sobressaindo o amarelo na cabeça, dorso e peito, mais intenso no macho. A fêmea, com o padrão riscado mais extenso, é mais discreta. Os juvenis têm uma coloração semelhante às fêmeas adultas.

Vocalização

O chamariz tem um canto límpido e repetitivo, com um ritmo rápido. Ouvem-se com frequência cantando demoradamente, pousados nos topos das árvores ao longo de todo o ano.

Alimentação

A dieta é constituída por sementes, pequenos insetos e aranhas.

Nidificação

O ninho é construído entre fevereiro e março, em forma de taça cuidada, em arbustos altos ou árvores.

Onde e quando pode ser visto?

Bastante comum nos parques e jardins durante todo o ano, exceto em regiões como Montanha, matos e hortas, podendo, por vezes, ser observado nos municípios urbanos.

OO Curiosidades

É uma espécie abundante em todo o país, sendo conhecida por variados nomes, como por exemplo, milheirica, milheira, milhetriça, serino ou canário-bravo. O chamariz alimenta as suas crias exclusivamente de sementes, ao contrário de outros passeriformes granívoros que nutrem as crias com larvas de insetos.

Nas páginas finais do guia poderá registar as suas observações anotando a data e o local em que avistou as espécies descritas.

Nome comum	Nome científico	Página
Pato-real	<i>Anas platyrhynchos</i>	8
Águia-d'asa-redonda	<i>Buteo buteo</i>	9
Peneireiro-vulgar	<i>Falco tinnunculus</i>	10
Pilrito	<i>Calidris alba</i>	11
Guincho-comum	<i>Larus ridibundus</i>	12
Gaivota-d'asa-escura	<i>Larus fuscus</i>	13
Pombo-doméstico	<i>Columba livia</i>	14
Rola-turca	<i>Streptopelia decaocto</i>	15
Coruja-das-torres	<i>Tyto alba</i>	16
Andorinhão-preto	<i>Apus apus</i>	17
Andorinha-das-chaminés	<i>Hirundo rustica</i>	18
Alvéola-branca	<i>Motacilla alba</i>	19
Carriça	<i>Troglodytes troglodytes</i>	20
Pisco-de-peito-ruivo	<i>Erithacus rubecula</i>	21
Rabirruivo-preto	<i>Phoenicurus ochruros</i>	22
Melro-preto	<i>Turdus merula</i>	23
Toutinegra-de-barrete-preto	<i>Sylvia atricapilla</i>	24
Felosa-comum	<i>Phylloscopus collybita</i>	25
Chapim-real	<i>Parus major</i>	26
Chapim-azul	<i>Parus caeruleus</i>	27
Gaio-comum	<i>Garrulus glandarius</i>	28
Pardal	<i>Passer domesticus</i>	29
Pintassilgo	<i>Carduelis carduelis</i>	30
Chamariz	<i>Serinus serinus</i>	31
Periquito-de-colar	<i>Psittacula krameri</i>	32

Pato-real

Anas platyrhynchos

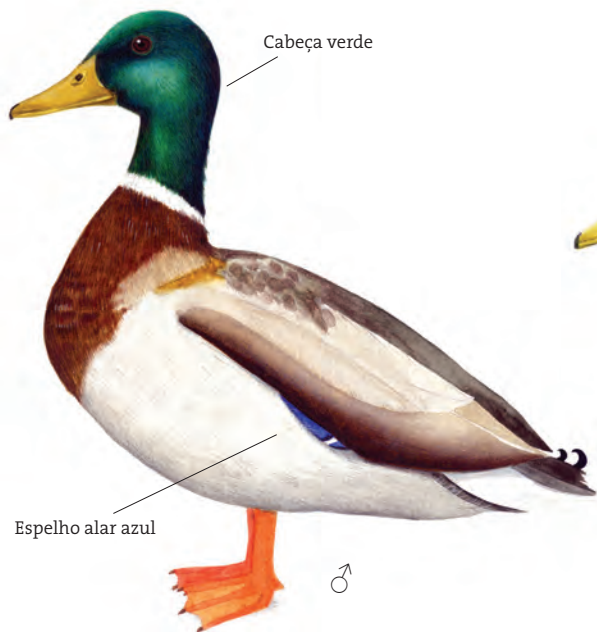


50 cm
-
65 cm

90 cm
-
98 cm

Anseriformes

Anatidae



♀



Identificação

É o mais comum e conhecido dos patos. O macho distingue-se pela sua plumagem mais colorida: tem a cabeça verde iridescente, com o bico amarelo e um anel branco no pescoço; o dorso é acinzentado. Na fêmea a plumagem é mais uniforme, em tons de castanho. Ambos apresentam nas asas algumas penas azuis, o “espelho alar”, que permite distingui-los de outros patos com plumagem parecida, sobretudo devido aos bandos serem muitas vezes compostos por indivíduos de diferentes espécies.

Vocalização

Emite muito frequentemente o típico quá-quá, quer em voo, quer pousado ou a nadar.

Alimentação

Prefere vegetação aquática e pequenos invertebrados que obtém nos fundos dos lagos, no entanto é omnívoro, podendo também consumir pequenos anfíbios e peixes.

Nidificação

Constrói o ninho com ervas na primavera, no solo, escondido na vegetação, ou em cavidades naturais. A fêmea cuida sozinha das crias que a seguem por todo o lado em fila.



Onde e quando pode ser visto?

Pode ser visto o ano inteiro, nos lagos dos parques e jardins da cidade e em Monsanto, sendo a maior parte residente. A população aumenta com a chegada de aves invernantes, pelo que se torna mais abundante durante o outono e inverno.



Curiosidades

Após o período de reprodução os patos renovam todas as suas penas (“eclipse”). Nesta altura, o macho torna-se muito semelhante à fêmea, apenas se distinguindo por ter o bico mais esverdeado. Esta espécie pode por vezes cruzar-se com outras, dando origem a indivíduos híbridos com padrões de coloração estranhos. Formam novos casais todos os anos, e cerca de 19% da população de machos acasalam com outros machos.

Águia-d'asa-redonda

Buteo buteo

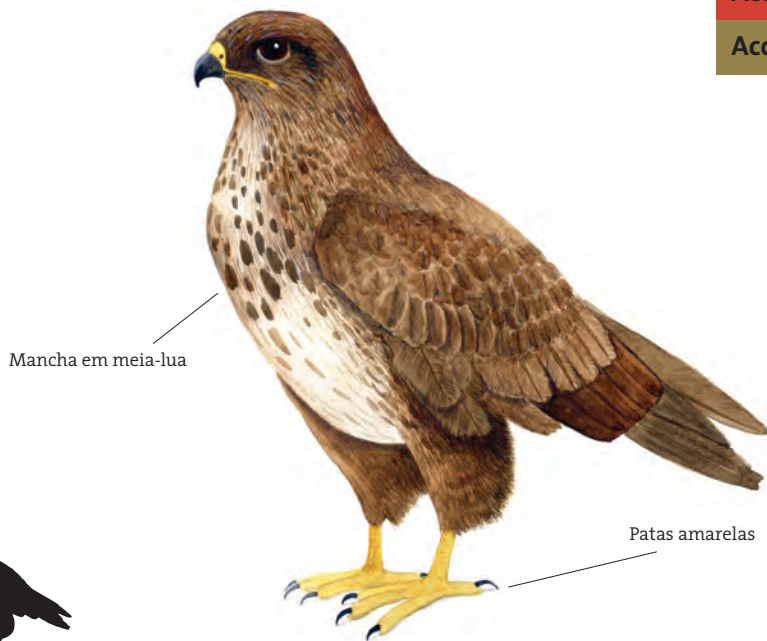


51 cm
-
57 cm

113 cm
-
128 cm

Accipitriformes

Accipitridae



Identificação

É uma ave rapina diurna, voa planando em círculos e pousa prolongadamente em postes para caçar. Possui uma mancha clara no peito em forma de meia-lua, sendo a restante plumagem em tons de castanho. Quando em voo, podemos distingui-la de outras rapinas, pelas asas de extremidade arredondada, onde sobressaem as manchas claras nas partes inferiores. Além disso, também apresenta a cauda mais curta do que a largura das asas. Como todas as águias, possui patas com garras e um bico em gancho que usa para caçar. Os machos e as fêmeas não se distinguem.

Vocalização

Na primavera é frequente ouvir o pio alto emitido em voo.

Alimentação

Prefere caçar pequenos mamíferos, mas também consome répteis, anfíbios, outras aves e insetos.

Nidificação

Anualmente, a partir de finais de fevereiro, constrói um novo ninho com ramos, em zonas arborizadas.



Onde e quando pode ser visto?

É uma ave residente, estando presente todo o ano. Ocorre em bosques com clareiras, comum em Monsanto, podendo por vezes ser visto nas zonas periféricas da cidade e nalguns parques urbanos, como o Parque José Gomes Ferreira (também conhecido como Mata de Alvalade).



Curiosidades

É a ave de rapina mais comum em Portugal, tal como no resto da Europa. A águia-d'asa-redonda tem uma grande longevidade, podendo viver 25 anos. Na parada nupcial, antes da primavera, podemos vê-la executar uma série de movimentos "acrobáticos", repetidamente mergulhando em voo a grande velocidade e em espiral para depois voltar a subir.

Peneireiro-vulgar

Falco tinnunculus

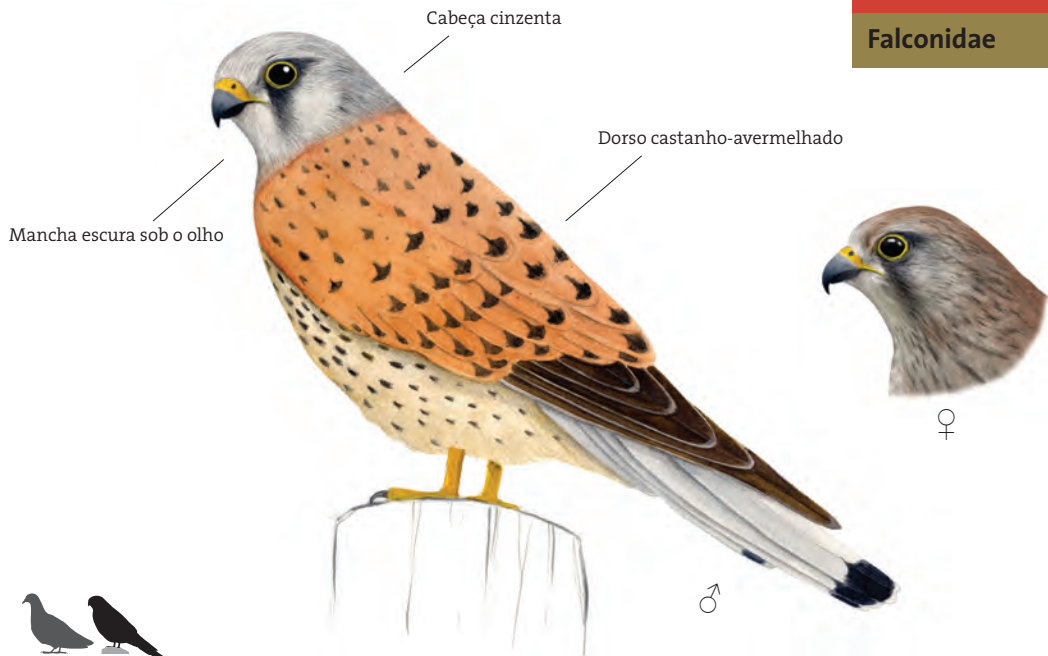


32 cm
-
35 cm

71 cm
-
80 cm

Falconiformes

Falconidae



Identificação

Falcão de tamanho médio, de plumagem castanho-avermelhada com pintas pretas no dorso, mais clara no ventre. Na cabeça é visível uma mancha escura sob o olho. Os machos adultos têm uma coloração mais contrastante, apresentando a cabeça e cauda de cor cinzenta. Em voo, pode ver-se uma barra terminal escura na cauda, mais comprida relativamente ao corpo do que as asas, que são pontiagudas. O seu nome relaciona-se com a forma como fica aparentemente imóvel no ar para detetar as presas no solo, num bater de asas muito rápido (“peneirar”). Localizada a presa, o peneireiro “mergulha” a grande velocidade para a capturar.

Vocalização

Os seus gritos curtos e agudos são repetidos em séries rápidas.

Alimentação

Caça principalmente pequenos mamíferos, mas ocasionalmente também répteis, insetos e pequenas aves.

Nidificação

Todos os anos, a partir de março, ocupa o mesmo local do ano anterior para nidificar, preferindo cavidades em escarpas. Atualmente também nidifica em zonas urbanas.



Onde e quando pode ser visto?

É residente, podendo ser visto ao longo de todo o ano, quer em Monsanto, sobretudo em zonas de clareira, quer no mosaico urbano, onde também nidifica ocupando frequentemente floreiras ou parapeitos dos edifícios.



Curiosidades

É uma espécie muito territorial, podendo mesmo ser vista por vezes perseguindo outras rapinas maiores, como a águia-d’asa-redonda, para as afugentar do seu território. Os monumentos históricos, como a torre do Tombo, são muitas vezes preferidos pelo peneireiro para nidificar, talvez devido à sua menor perturbação humana em comparação com os prédios residenciais.

Pilrito

Calidris alba



↑ 20 cm
-
↓ 21 cm

← 40 cm
-
→ 45 cm

Charadriiformes

Scolopacidae



Identificação

Ave de tamanho médio, é um dos pilritos mais comuns e facilmente observáveis nas áreas costeiras e estuarinas, alimentando-se ativamente na zona de rebentação. Durante o inverno é muito claro, com as partes inferiores brancas e superiores acinzentadas, enquanto em plumagem nupcial exibe um tom mais alaranjado, sobretudo no peito e cabeça. Tem um bico preto, direito e fino, sendo as patas igualmente pretas. Pode confundir-se com o pilrito-comum (*Calidris alpina*).

Vocalização

Emite um chamamento curto.

Alimentação

Alimenta-se no lodo e na areia, de crustáceos, poliquetas e moluscos, que encontra através do tato e do olfato.

Nidificação

Não nidifica em Portugal.



Onde e quando pode ser visto?

Sendo invernante, é mais comum de setembro a abril, na zona ribeirinha, durante a maré baixa. A população aumenta também com alguns migradores de passagem pelo nosso país.



Curiosidades

Ao contrário da maioria das espécies, o pilrito alimenta-se durante o dia e a noite, sem períodos prolongados de inatividade. Nidifica no ártico, onde assume um comportamento solitário, ao contrário dos locais de invernada onde é gregário, formando bandos nas zonas de alimentação. É um migrador de longas distâncias que efetua poucas paragens no percurso, mas algumas aves não reprodutoras podem permanecer nos locais de invernada durante o verão.

Guincho-comum

Larus ridibundus



34 cm
-
37 cm

100 cm
-
110 cm

Charadriiformes

Laridae



Identificação

Pequena gaivota ruidosa, com a plumagem do corpo branca, as asas e dorso cinzentos e a ponta das asas preta. O bico e as patas são vermelho-escuro. Durante os meses mais quentes chama a atenção pelo capuz preto, que abrange desde a nuca à garganta. No resto do ano tem apenas uma mancha preta atrás dos olhos e o bico apresenta uma mancha escura na ponta. Adultos e juvenis são idênticos, sendo que os últimos têm algumas penas das asas acastanhadas. Pode confundir-se com a gaivota-de-cabeça-preta que também tem um capuz preto, mas que se estende para além da nuca até ao pescoço.

Vocalização

O guincho é uma ave muito vocal, com gritos agudos e sonoros.

Alimentação

Alimenta-se no estuário, no lodo e na água, de peixes, invertebrados e insetos. Por vezes arrebatava alimento a outras gaivotas.

Nidificação

Esta é uma ave que não nidifica em Lisboa.



Onde e quando pode ser visto?

Abundante na zona ribeirinha, deslocam-se mais frequentemente em bandos, muitas vezes misturada com outras espécies de gaivotas. É uma espécie invernante, mas os primeiros indivíduos podem ser vistos logo após o seu período reprodutor, em julho. As aves permanecem por cá durante o inverno, até março, sendo que algumas aves podem ser vistas também no verão apesar de não nidificarem por cá.



Curiosidades

Os guinchos são oportunistas no que respeita à dieta, tal como outras espécies de gaivotas, incluindo a gaivota-d'asa-escura, podendo muitas vezes ser vistos a alimentar-se em aterros sanitários abertos, o que lhes origina algumas intoxicações alimentares. Alguns destes locais têm projetos de afastamento de gaivotas recorrendo a aves de falcoaria. São aves de grande longevidade, podendo viver até 30 anos.

Gaivota-d'asa-escura

Larus fuscus

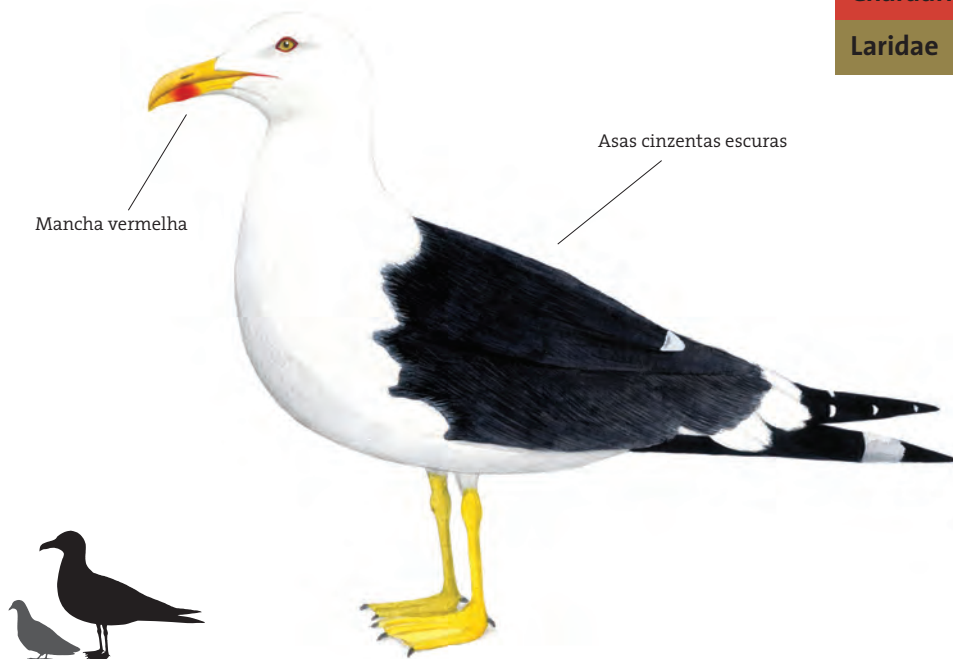


52 cm
64 cm

135 cm
150 cm

Charadriiformes

Laridae



Identificação

É a gaivota portuguesa mais comum nas zonas costeiras e zonas húmidas interiores. A cabeça e o peito brancos e asas cinzentas formam um padrão de coloração típico na maioria das gaivotas, o que pode dificultar a sua identificação. Confunde-se com a gaivota-de-patas-amarelas, contudo a gaivota-d'asa-escura é menor e, como o nome indica, mais escura. As patas e o bico são amarelos, este último com uma mancha vermelha na parte inferior. Os juvenis são mais acastanhados e pintalgados, semelhantes aos de outras espécies de gaivotas.

Vocalização

Os seus gritos são ásperos e nasalados.

Alimentação

Alimenta-se sobretudo de peixes, mas é omnívora e oportunista e consome também invertebrados, crustáceos, material vegetal e desperdícios, entre outros, um pouco por toda a cidade.

Nidificação

É uma espécie colonial, cujo ninho é feito no chão, de abril a junho. Geralmente prefere locais mais protegidos, como as arribas costeiras e ilhas, mas atualmente já nidifica também nalguns locais da cidade.



Onde e quando pode ser visto?

Ocorre durante todo o ano, mas é mais abundante no inverno. Pode ser vista por toda a cidade, mas é naturalmente mais comum na zona ribeirinha, onde se mistura em bandos com outras espécies de gaivotas.



Curiosidades

Tal como outras espécies de gaivotas, a maturidade sexual é atingida relativamente tarde, apenas se reproduzindo a partir do quarto ano de vida, altura em que a plumagem se assemelha mais à do adulto. Inclui alguns bivalves na dieta, como os mexilhões que consegue abrir voando alto e deixando-os cair no chão para se abrirem.

Pombo-doméstico

Columba livia

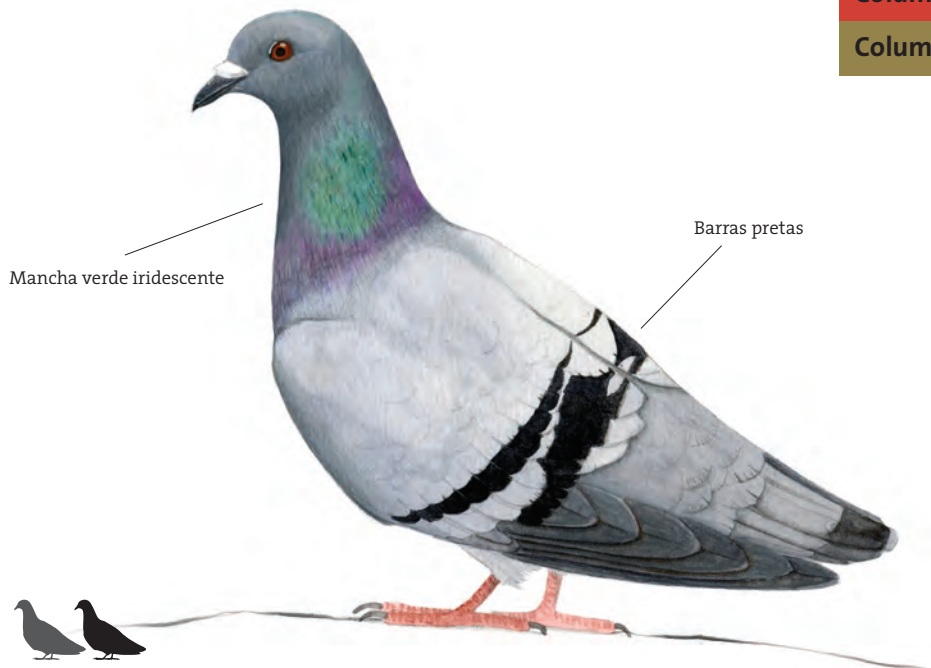


31 cm
-
34 cm

63 cm
-
70 cm

Columbiformes

Columbidae



Mancha verde iridescente

Barras pretas

Identificação

O pombo que encontramos em Lisboa é uma sub-espécie há muito domesticada a partir do pombo-das-rochas, estando hoje em dia muito bem adaptado à vida nas cidades e à convivência com as pessoas. É uma das aves mais comuns em meio urbano, formando numerosos bandos, com grande variedade de cores e padrões na sua plumagem. O mais vulgar é no geral cinzento, as asas apresentam duas barras pretas e o pescoço é esverdeado. Tem um bico curto apropriado para a alimentação granívora. Os adultos e os juvenis são idênticos.

Vocalização

A vocalização típica e bem conhecida designa-se por arrullhar.

Alimentação

Alimenta-se no solo, de sementes e desperdícios, ingerindo também pequenas pedras que auxiliam a digestão.

Nidificação

É pouco exigente na escolha do local para fazer o ninho, nidificando um pouco por todo o lado na cidade. Pode ter várias ninhadas por ano.



Onde e quando pode ser visto?

Muito comum por toda a cidade ao longo de todo o ano, exceto em zonas florestadas, como Monsanto.

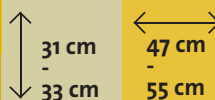


Curiosidades

Apesar de ainda ser um hábito algo frequente, a alimentação dos pombos pelos munícipes é proibida e punível com coima. Esta proibição deve-se ao facto de o pombo-doméstico ser considerado uma praga, que pode provocar danos no edificado e ter efeitos na saúde pública como transmissores de doenças quer aos humanos, quer a outros animais domésticos.

Rola-turca

Streptopelia decaocto

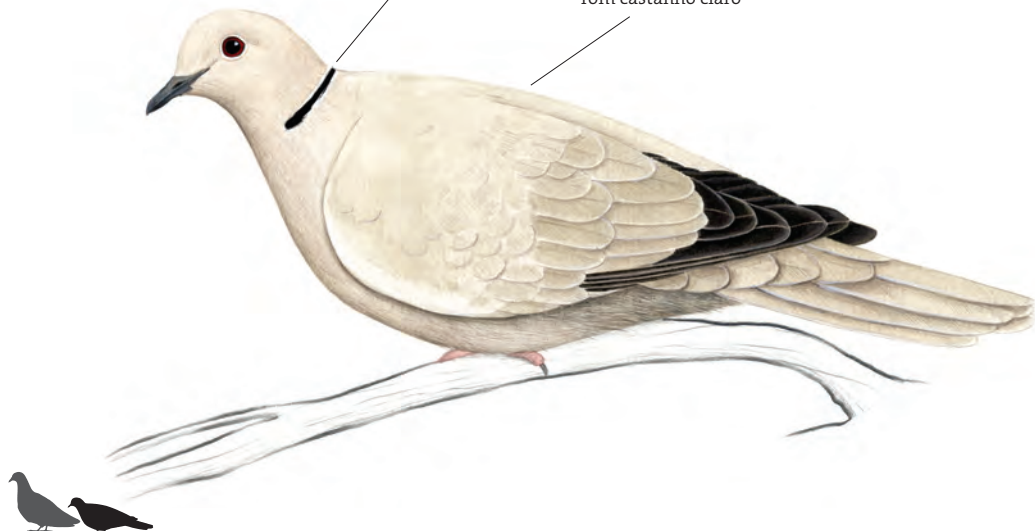


Columbiformes

Columbidae

Meio colar preto

Tom castanho claro



Identificação

Da família dos pombos, a rola-turca é conhecida pelo som característico que emite pousada nas árvores. Tem a plumagem entre o castanho claro e o cinzento nas asas, onde também são visíveis algumas penas de voo mais escuras.

O bico é curto e escuro. No pescoço apresenta um meio-colar preto com rebordo branco, que permite distingui-la da rola-brava, mais malhada e menos comum. A cauda em voo mostra uma barra esbranquiçada na parte inferior que é interrompida no centro pelos tons acastanhados da restante plumagem.

Vocalização

O arrulho da rola-turca é agudo, trissilábico e monótono.

Alimentação

Ave granívora, consome sementes no solo.

Nidificação

Tal como o pombo, nidifica ao longo de todo o ano, em árvores ou em arbustos. O ninho não é muito elaborado, constituído por um aglomerado de pequenos ramos secos.



Onde e quando pode ser visto?

Ave residente, pode encontrar-se principalmente nos parques e jardins, muitas vezes aos pares. Frequentemente vista em zonas com pinheiros-mansos.



Curiosidades

É originária da Ásia, mas na década de 1970 iniciou uma expansão por uma região alargada da Europa. Atualmente, em Portugal, é mais abundante do que a espécie nativa, a rola-brava.

Os seus ninhos, embora toscos, são muitas vezes ocupados por outras espécies de aves ou mesmo por esquilos-vermelhos.

Coruja-das-torres

Tyto alba



33 cm
-
35 cm

85 cm
-
93 cm

Strigiformes

Tytonidae



Identificação

É uma ave de rapina noturna, com algumas características distintas da maioria: a plumagem tipicamente muito clara, a face marcadamente em forma de coração, com olhos pretos. O dorso e a parte superior das asas têm uma coloração com tons cinzentos e dourados, as restantes partes são brancas com algumas pintas, mas existe alguma variação dentro da própria espécie, sendo algumas aves mais escuras. As diferenças entre o macho e a fêmea são difíceis de observar (macho no geral mais claro e mais pequeno).

Vocalização

Emite um guincho rouco prolongado, para alguns arrepiante.

Alimentação

Caça principalmente pequenos roedores, mas também pequenas aves e insetos.

Nidificação

Nidifica a partir de fevereiro, em cavidades, ocupando o mesmo local todos os anos. Frequentemente escolhe estruturas humanas (moinhos abandonados, torres de igreja, sótãos) e também caixas-ninho, em zonas rurais e urbanas.



Onde e quando pode ser visto?

É residente, pelo que está presente ao longo de todo o ano, apesar de não ser muito comum. Durante a noite, um olhar atento pode encontrá-la em Monsanto, em zonas abertas, pousada nos postes para caçar, ou ser surpreendido por um vulto branco em voo. Também ocorre no mosaico urbano, onde as hortas urbanas são bons locais para caçar.



Curiosidades

Com um voo silencioso, caça durante a noite localizando as presas, mesmo sem as ver, devido à forma da face que encaminha o som para os ouvidos, como uma antena parabólica. Ingera as presas inteiras, expelindo depois em forma de bola os elementos não digeridos (os pelos e os ossos), nas designadas plumadas que muitas vezes são indício da sua presença. Existem muitas superstições em torno da coruja-das-torres, mas a sua grande utilidade no controlo das populações de roedores, é por muitos desconhecida.

Andorinhão-preto

Apus apus



16 cm
-
17 cm

42 cm
-
48 cm

Apodiformes

Apodidae



Asas compridas em foice

Cauda bifurcada



Identificação

Desconhecidos por muitos devido às semelhanças com as andorinhas, os andorinhões podem ser facilmente distinguidos: o corpo é todo preto (acastanhado), as asas são compridas e em forma de foice. Para além disso, a sua maior dimensão torna-se mais evidente quando visto em voo juntamente com as andorinhas. A cauda dos andorinhões é bifurcada, mas curta, e no queixo têm uma pequena mancha clara. O andorinhão-preto pode ainda assim confundir-se com o andorinhão-pálido, até para um olhar mais experiente, mas os seus gritos estridentes ajudam a distingui-lo. Estas espécies voam frequentemente em bandos mistos e numerosos.

Vocalização

Emite gritos estridentes, que se misturam com os sons típicos da cidade durante o verão.

Alimentação

Captura insetos em voo, a base da sua dieta.

Nidificação

Nidifica em colónia em meados de abril, nos telhados, por exemplo debaixo das telhas ou nas caleiras.



Onde e quando pode ser visto?

É uma espécie estival, que chega ao nosso país a partir de março para nidificar. Podem ser vistos em bandos barulhentos até outubro, altura em que iniciam a migração para Sul (África). É bastante comum no mosaico urbano, sobretudo na zona histórica da cidade.



Curiosidades

O seu nome científico tem origem no grego antigo ἄπους, *apous*, que significa “sem pés”, pois tem as patas muito curtas, o que aliado às asas compridas, impossibilita-os de levantar voo do chão. Estas aves passam assim a maior parte da vida a voar, sem nunca pousarem voluntariamente no solo, comendo, bebendo e dormindo em voo.

Andorinha-das-chaminés

Hirundo rustica

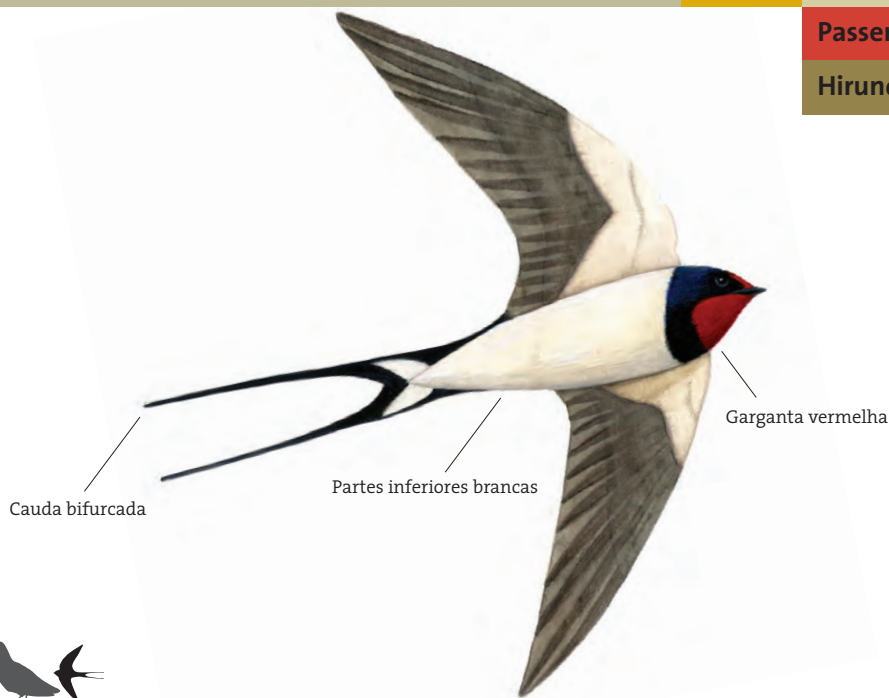


17 cm
-
19 cm

32 cm
-
34,5 cm

Passeriformes

Hirundinidae



Identificação

A andorinha-das-chaminés é uma das aves mais apreciadas e facilmente reconhecida pela sua cauda longa e nitidamente bifurcada, que permite distingui-la da andorinha-dos-beirais que tem uma cauda mais curta. As partes superiores são pretas com reflexos azulados, enquanto nas inferiores sobressai o branco. A cabeça é preta com a garganta, face e testa vermelhas. Estas aves têm um voo muito ágil, com movimentos bruscos, sendo frequente fazerem voos rasantes ao solo.

Vocalização

Os seus chamamentos são chilreios rápidos e o canto é semelhante.

Alimentação

Obtém os insetos de que se alimenta em pleno voo.

Nidificação

O ninho é feito de lama e ervas, em forma de taça, nos beirais de edifícios, debaixo de pontes ou em chaminés. Com uma época de reprodução bastante alargada, regressa ao ninho do ano anterior, a partir de fevereiro.



Onde e quando pode ser visto?

A partir de fevereiro e até outubro, pode ser vista por todo o mosaico urbano, preferindo zonas verdes com relvados e lagos, onde obtém a terra para fazer o ninho. Evita, contudo, áreas muito arborizadas e zonas excessivamente urbanizadas. É habitual ver-se grandes bandos pousados nos fios elétricos no final do verão, quando se preparam para a migração outonal.



Curiosidades

Sendo uma ave estival, é uma das primeiras espécies a chegar ao nosso país, pelo que se diz que anuncia a primavera. As suas capacidades impressionantes de voo "acrobático" permitem-lhe até beber água em voo. Estudos indicam que as penas da cauda terão influência no sucesso reprodutor dos machos, sendo que as fêmeas preferem os que têm a cauda mais comprida.

Alvéola-branca

Motacilla alba



18 cm

25 cm
-
30 cm

Passeriformes

Motacillidae



Identificação

Esta espécie elegante é fácil de identificar pelo típico balançar da cauda comprida e abanar da cabeça quando no solo, onde passa bastante tempo. O padrão da plumagem é feito de contrastes, sobretudo na cabeça, onde o branco em redor dos olhos e na face se destaca do preto da “coroa”, nuca e “babete”. O bico fino e as patas compridas também são pretos enquanto as partes inferiores são brancas. O juvenil é mais acinzentado.

Vocalização

Emite chamamentos curtos e agudos.

Alimentação

Alimenta-se de diversos insetos, aranhas, pequenos caracóis e minhocas, que encontra principalmente no solo.

Nidificação

Em Portugal apenas parte da população nidifica, fazendo o ninho na primavera, em forma de taça, junto ao solo.



Onde e quando pode ser visto?

É mais frequente a partir de outubro até março, com a chegada da população invernante. Ocorre no mosaico urbano, parques e jardins, podendo ser frequentemente vista em relvados e junto a estradas, assim como em zonas próximas de água.

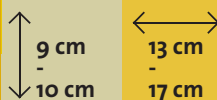


Curiosidades

Pode formar bandos numerosos ao final do dia, deslocando-se para os locais onde passam a noite, os denominados dormitórios. Esta espécie engloba aves com diferentes variações na extensão do preto na sua plumagem, sendo que a subespécie britânica, mais escura, também aparece em Portugal, apesar de menos abundante.

Carriça

Troglodytes troglodytes



Passeriformes

Troglotydae



Identificação

É uma ave muito pequena, roliça e ativa, que se desloca perto do solo, por entre os arbustos, com movimentos rápidos. A sua plumagem parda em tons de castanho torna-a difícil de detetar, no entanto, o canto forte é um bom indicador da sua presença. Tem uma cauda curta que geralmente mantém erguida. O bico é relativamente comprido e pontiagudo. Os géneros não se distinguem e os juvenis são muito semelhantes aos adultos.

Vocalização

Para além dos chamamentos repetidos, possui um canto melódico bastante típico e forte.

Alimentação

Prefere insetos, mas por vezes também se alimenta de bagas e sementes.

Nidificação

Nidifica de março a julho, em cavidades, incluindo ninhos artificiais, mas também por entre a folhagem da vegetação onde constrói ninhos arredondados com musgo, deixando apenas um buraco de entrada.



Onde e quando pode ser visto?

É residente e ocupa diversos tipos de habitat, como os parques e jardins, matos, hortas urbanas ou Monsanto, desde que tenha vegetação arbustiva densa.



Curiosidades

O seu canto muito forte e sonoro surpreende e não deixa adivinhar que se trata de uma ave tão pequena. No início da época de reprodução o macho constrói três ou quatro ninhos, após o que a fêmea escolhe apenas um. O macho poderá então continuar a exibir os ninhos a outras fêmeas, sendo a poligamia algo frequente nesta espécie.

Pisco-de-peito-ruivo

Erithacus rubecula

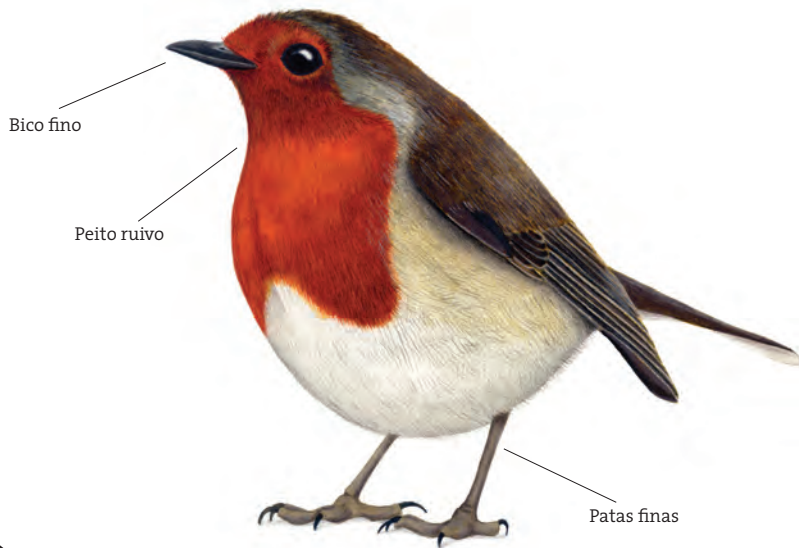


↑
14 cm
↓

←
20 cm
-
22 cm
→

Passeriformes

Turdidae



Identificação

Ave de aspeto roliço e comportamento atrevido, o que o torna numa das espécies mais reconhecidas, principalmente nos meses de inverno. Apresenta uma grande mancha cor de laranja desde a testa até ao peito. O dorso é acastanhado e o abdómen esbranquiçado. Os juvenis são mais acastanhados e sarapintados. Tem um bico fino e escuro e as patas são bastante finas dando a ilusão de serem mais compridas.

Vocalização

O seu canto muito melodioso pode ser ouvido ao longo de todo o ano, mesmo durante a noite se pousado perto de um candeeiro aceso.

Alimentação

Consome insetos e outros invertebrados, mas também bagas no outono e no inverno.

Nidificação

O seu ninho é volumoso, feito de pequenas folhas secas, musgo e ervas. É construído em buracos no solo, muros ou árvores. No nosso país, nidifica de março a junho.



Onde e quando pode ser visto?

Está presente ao longo de todo o ano, mas é mais abundante no outono e inverno com a chegada de algumas aves migradoras.

Pouco discreto, anda bastante no solo, saltitando, sendo comum nos baldios, parques e jardins e em Monsanto.



Curiosidades

No outono a melodia é mais suave e algo melancólica. Os machos podem tornar-se muito agressivos nas disputas pelo território, inflando o peito para parecer maior e melhor exibir as penas cor de laranja, atacando o opositor até que caia no chão.

Rabirruivo-preto

Phoenicurus ochruros



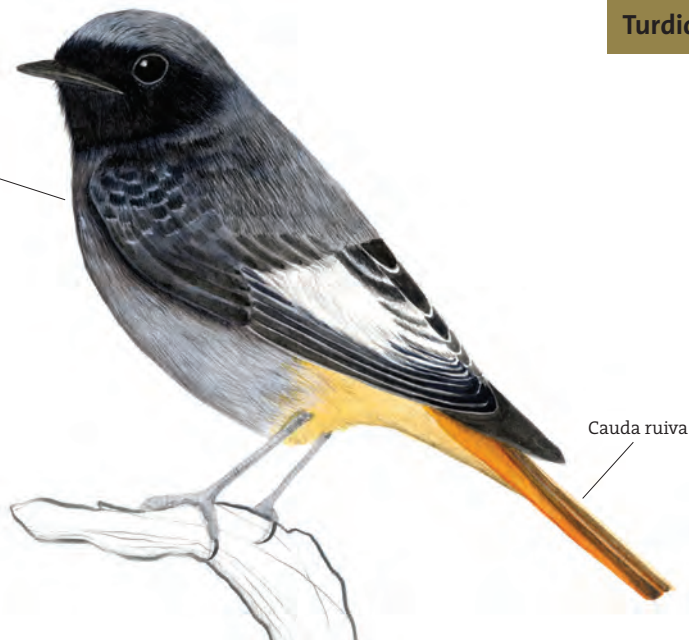
↑
14,5 cm
↓

←
23 cm
→
-
26 cm

Passeriformes

Turdidae

Corpo escuro



Cauda ruiva



Identificação

O rabirruivo identifica-se facilmente devido à cor predominantemente escura, contrastando com a cauda ruiva que se destaca não só pela cor mas também pelo tremular muito típico. O macho torna-se quase preto no verão, apesar da mancha branca bem visível nas asas. A fêmea apresenta uma coloração mais cinzenta e acastanhada, assim como os juvenis.

Vocalização

Emite um chilreio claro e curto.

Alimentação

Alimenta-se de variados insetos, minhocas e caracóis que captura no solo e por vezes consome sementes e bagas.

Nidificação

O ninho é feito em pequenos buracos ou fendas nas rochas e muros, por vezes no solo, de março a julho.



Onde e quando pode ser visto?

Algo comum em zonas urbanas, é residente em Lisboa, podendo observar-se no mosaico urbano e zonas rochosas, incluindo a zona ribeirinha. A partir de outubro é mais abundante com a chegada de populações migradoras.



Curiosidades

O macho canta sobretudo para defender o território e durante a nidificação vocaliza de acordo com as diferentes situações: canta no início para estabelecer o território, até à construção do ninho; depois mantém-se mais discreto, cantando novamente durante a incubação, mas apenas até ao nascimento das crias; até à sua independência remete-se novamente ao silêncio.

Melro-preto

Turdus merula



24 cm
-
25 cm

34 cm
-
38,5 cm

Passeriformes

Turdidae

Bico amarelo alaranjado

Auréola amarela



Identificação

O macho desta espécie é bem conhecido quer devido à plumagem preta e bico alaranjado, quer pelo canto melodioso, quer até pelo comportamento confiante e ativo. Já a fêmea, mais discreta, é acastanhada com o peito sarapintado e o bico escuro. Pode ser confundido com o estorninho-preto, do qual se distingue por ter a cauda comprida e a plumagem menos brilhante. Além disso, ao contrário do estorninho, o melro-preto é solitário e não costuma formar bandos.

Vocalização

O seu canto é melodioso e variado, bastante alto, mais audível ao amanhecer e anoitecer e durante a primavera. Emite um canto de alarme repetido, em voo.

Alimentação

Retira insetos e minhocas do solo, mas também consome bagas.

Nidificação

De março a junho, constrói o ninho com ervas e galhos em forma de taça forrada com lama, geralmente em arbustos, bem escondidos pela folhagem. Se perturbados, abandonam rapidamente o ninho.



Onde e quando pode ser visto?

É uma espécie residente em toda a cidade, pelo que está presente todo o ano. Os relvados são escolhidos frequentemente para obter alimento, sendo muitas vezes observado a esgravatar o solo para capturar as minhocas. O Parque Eduardo VII é um ótimo local para os observar.



Curiosidades

Como passam muito tempo no solo são presas fáceis do gato-doméstico, mas nalguns casos, como na Austrália, podem constituir pragas por causarem prejuízos nos pomares e ajudarem na dispersão de sementes de plantas daninhas. Por vezes ocorrem fenómenos de albinismo ou leucismo, em que os melros têm a plumagem totalmente ou parcialmente branca. A grande proximidade ao homem contribuiu para o surgimento de muitos ditados populares: cada tiro, cada melro; quando cantam os melros, calam-se os pardais; quando o melro canta em janeiro é tempo de sequeiro o ano inteiro.

Toutinegra-de-barrete-preto

Sylvia atricapilla



13 cm

20 cm
-
23 cm

Passeriformes

Sylviidae

Barrete preto



Identificação

É uma espécie algo comum e conhecida pelo seu canto melodioso, frequentemente ouvido nas zonas verdes dos meios urbanos. No entanto é bastante discreta, escondendo-se por entre a vegetação. O corpo é cinzento, mais escuro nas asas e partes superiores. Tem uma cauda de tamanho médio e um bico curto e escuro. O macho distingue-se pelo “barrete” preto (castanho nas fêmeas). Os juvenis são semelhantes às fêmeas, mas no primeiro inverno já apresentam o padrão de adulto.

Vocalização

O canto é muito melodioso e prolongado, emitindo também outros chamamentos típicos curtos e repetidos.

Alimentação

Consome insetos no período reprodutor, mas durante o outono e inverno alimenta-se de bagas e frutos, incluindo azeitonas.

Nidificação

Constrói o ninho em forma de taça em arbustos ou árvores pequenas, entre março e julho.



Onde e quando pode ser visto?

É residente, ocorre no mosaico urbano em zonas arborizadas, em Monsanto e nos parques e jardins da cidade.



Curiosidades

Esta espécie está dependente da existência de vegetação arbustiva densa, onde nidifica e captura insetos, assim como de árvores e arbustos de fruto, essenciais durante o inverno. Por estes motivos pode sofrer declínios pontuais com algumas medidas de gestão dos espaços verdes. Em Monsanto, por exemplo, verificou-se uma diminuição da sua população após algumas ações de desmatação para prevenção de incêndios florestais.

Felosa-comum

Phylloscopus collybita



10 cm
-
11 cm

15 cm
-
21 cm

Passeriformes

Turdidae

Lista supraciliar

Abdómen claro

Patas escuras



Identificação

A felosa é uma ave pequena e discreta, com plumagem castanho-esverdeada. O abdómen é mais claro e amarelado e as asas mais escuras. Na cabeça, apresenta uma ligeira lista sobre o olho, o bico é pálido, curto e fino. As patas são muito escuras, ao contrário da tonalidade rosa da felosa-musical com a qual se pode confundir. Os géneros não se distinguem e os juvenis são idênticos aos adultos, mas mais pálidos. Existe ainda uma outra espécie recentemente descrita, idêntica à felosa-comum, a felosa-ibérica.

Vocalização

O seu chamamento é um assobio curto e suave, por vezes repetitivo.

Alimentação

Captura insetos, a base da sua dieta, desde o solo até ao topo das árvores.

Nidificação

O ninho é feito no solo, mas esta espécie não se reproduz em Portugal.



Onde e quando pode ser visto?

É uma invernante comum entre novembro e março, podendo ser observada em zonas arborizadas do mosaico urbano, nos parques e jardins de maiores dimensões e em Monsanto. Durante o verão raramente se avista, sendo possível confundi-la com a felosa-ibérica que é nidificante.



Curiosidades

Apesar de muito pequena, esta ave pode percorrer longas distâncias durante a sua migração, o que pode ser verificado através dos resultados da anilhagem de aves, técnica científica utilizada por ornitólogos sobretudo nos períodos de migração. Cada ave capturada recebe uma anilha com um código único e após algumas medições é libertada. Ao ser posteriormente capturada, por vezes passados vários anos, consegue-se obter informação acerca dos seus movimentos e sobrevivência.

Chapim-real

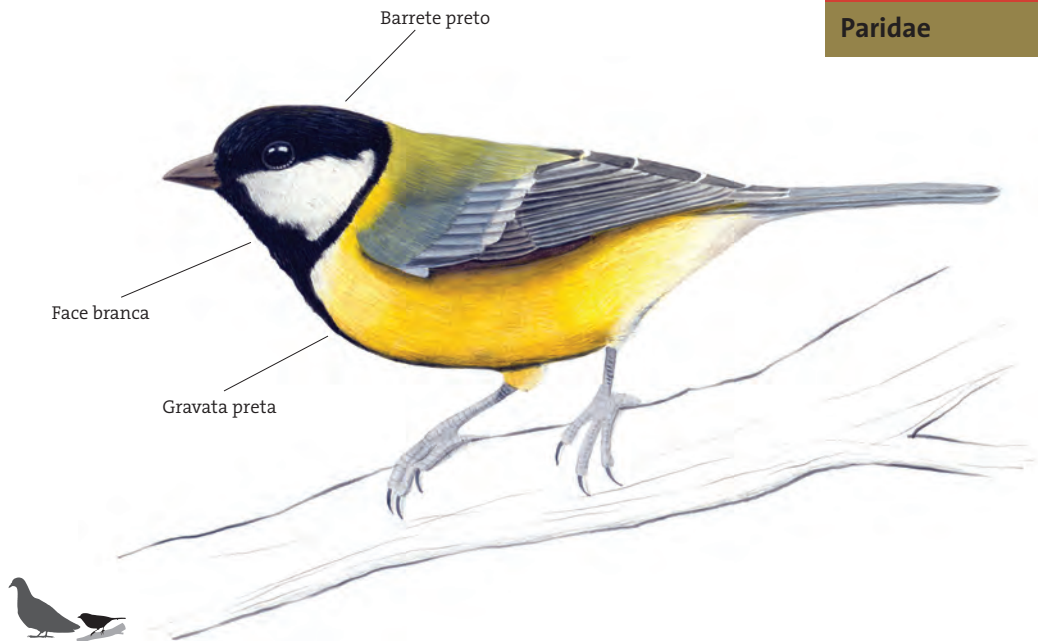
Parus major



14 cm
22,5 cm
-
25,5 cm

Passeriformes

Paridae



Identificação

Tal como outros chapins, tem as faces brancas, máscara facial e colar pretos. Para além de ser o maior, o chapim-real distingue-se pelo seu “barrete” preto brilhante e a “gravata” preta que se estende da garganta até ao abdómen, mais larga no macho. A restante plumagem do abdómen é amarela, o dorso é cinzento-esverdeado e as asas e a cauda são cinzento-azuladas. O juvenil é semelhante aos adultos mas com uma coloração mais discreta.

Vocalização

Possui vários chamamentos, sendo que um dos mais típicos, bastante audível, lembra o seu nome: cha-pim-cha-pim-cha-pim.

Alimentação

Alimenta-se sobretudo de insetos, mas também de sementes. Tem um bico forte que lhe permite abrir as cascas rijas de alguns frutos.

Nidificação

Nidifica entre início de março e julho, em cavidades naturais nas árvores, paredes e muros. Também ocupa facilmente caixas-ninho, preferindo-as frequentemente. Se perturbados, abandonam rapidamente o ninho.



Onde e quando pode ser visto?

É residente, sendo observável sobretudo nos parques e jardins e também em Monsanto.



Curiosidades

A capacidade de retirar as larvas dos ninhos da processionária-do-pinheiro torna-o um inimigo natural desta praga, pelo que a sua promoção através da colocação de caixas-ninho é uma medida muitas vezes adotada em produções florestais ou em zonas de proteção ambiental.

Chapim-azul

Parus caeruleus

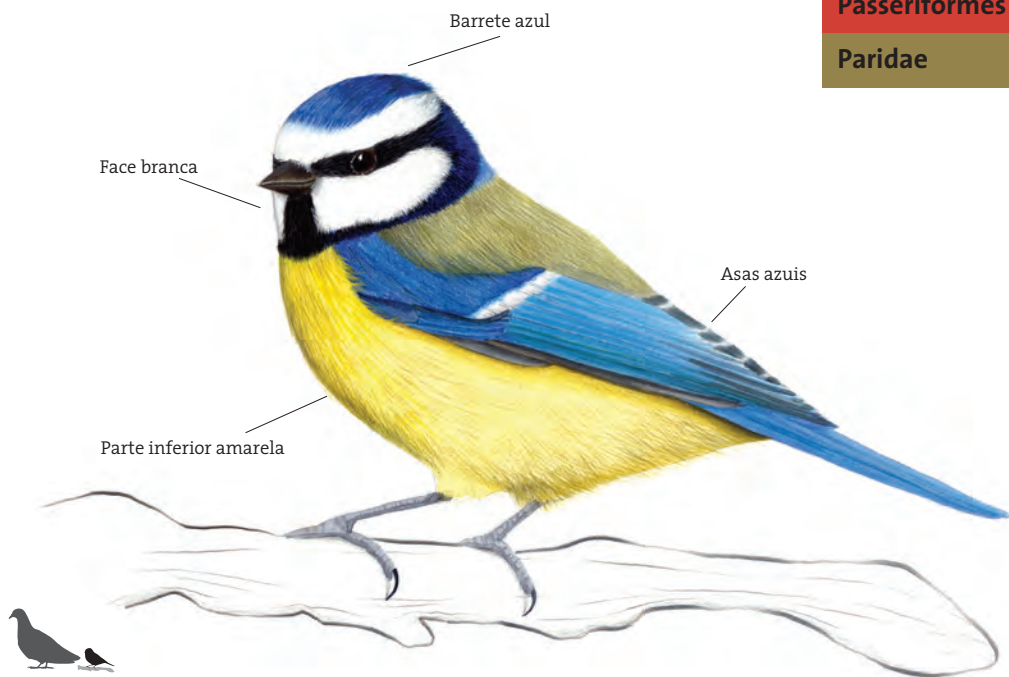


↑
11,5 cm
↓

↔
17,5 cm
↔
20 cm

Passeriformes

Paridae



Identificação

O mais comum dos chapins, colorido e bastante ativo, o chapim-azul é talvez o mais facilmente observável. É uma ave de pequenas dimensões, com um “barrete” azul, faces brancas, colar escuro e bico preto e pequeno. As asas e a cauda são azuis e a parte inferior do corpo amarela. Pode confundir-se com o chapim-real, mas é mais pequeno e não tem a cabeça preta nem a barra preta larga no peito. Os géneros dificilmente se distinguem e os juvenis são semelhantes aos adultos, mas com tons mais pálidos.

Vocalização

Emite diversos cantos e sons de alarme, sendo um dos principais um chamamento repetitivo de duas notas distintas, algo semelhante ao chapim-real.

Alimentação

Prefere insetos e aranhas, mas também consome bagas e sementes.

Nidificação

O ninho é feito em cavidades na primavera, entre fevereiro e junho, utilizando musgo e ervas secas para forrar o interior, pelos e penas para formar uma taça.



Onde e quando pode ser visto?

É residente, ocorrendo um pouco por toda a cidade, nos parques, nos jardins e em Monsanto. Raramente visto no chão, mas sim a saltitar de ramo em ramo.



Curiosidades

É uma das aves que mais frequentemente ocupam os ninhos artificiais para nidificar, na ausência de cavidades naturais. Por vezes pendura-se com a cabeça para baixo para retirar os pequenos insetos dos ramos das árvores.

Gaio-comum

Garrulus glandarius

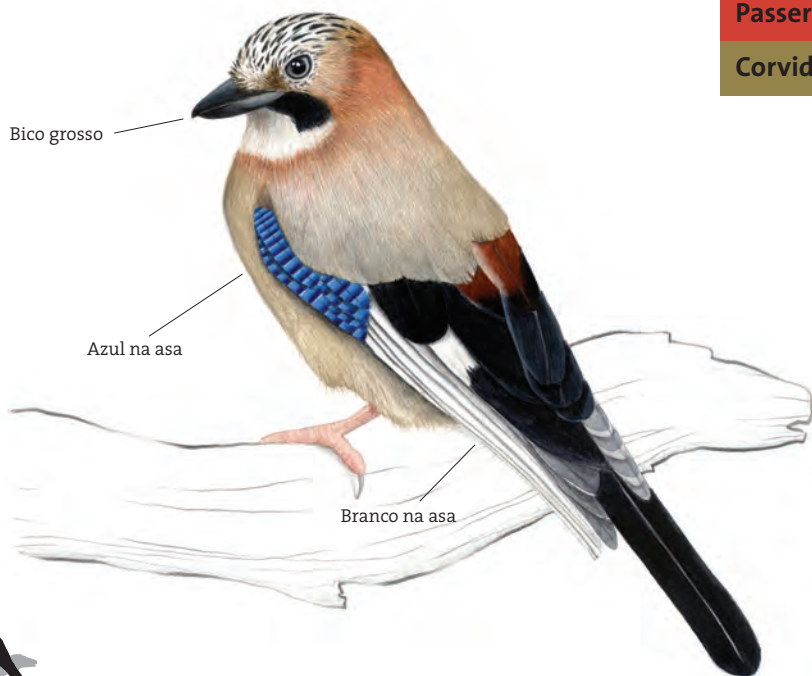


34 cm
-
35 cm

52 cm
-
58 cm

Passeriformes

Corvidae



Identificação

Espécie bastante discreta, o gaio denuncia-se quando em situações de risco emite os seus gritos roucos de alerta. Durante os seus voos rápidos, salta à vista a mancha azul iridescente nas asas. O branco nas asas e no uropígio também ajudam à sua identificação. Apresenta uma “coroa” esbranquiçada que por vezes ergue e, sendo da família dos corvos, tem um bico e patas muito fortes. O peito e a barriga são castanho-rosado, sobressaindo o preto da cauda comprida e das asas.

Vocalização

O seu grito áspero é bem audível, emitido geralmente como alerta.

Alimentação

A sua dieta é constituída por frutos, sementes e invertebrados, mas também ovos de outras aves. Durante a época de reprodução prefere os invertebrados.

Nidificação

Nidifica na primavera em bifurcações de árvores, ocultas pela folhagem.



Onde e quando pode ser visto?

É residente, estando presente o ano inteiro. Prefere zonas florestais, pelo que não será difícil encontrá-lo em Monsanto, mas também ocorre em meio urbano, nos parques e jardins.



Curiosidades

Como os restantes corvídeos, o gaio consegue imitar vários sons, incluindo o canto de outras aves. Colhe e esconde bolotas, fazendo uma provisão para o inverno, sendo um dos principais responsáveis pela dispersão de bolotas em Monsanto, tendo contribuído para a “florestação” natural deste parque.

Pardal

Passer domesticus

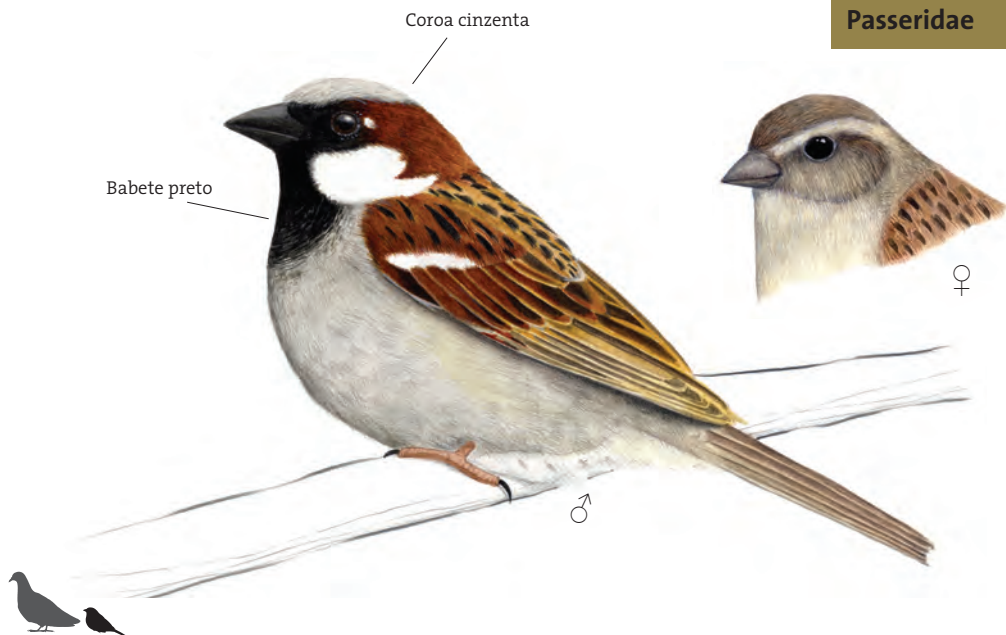


14 cm
-
15 cm

21 cm
-
25,5 cm

Passeriformes

Passeridae



Identificação

Muito abundante e bastante sociável, o pardal está muito bem adaptado às atividades humanas e é provavelmente a mais reconhecida das aves. A plumagem é no geral acastanhada, sendo que o macho tem um padrão mais distinto, com um “babete” preto, a testa e a “coroa” cinzentas. Os juvenis são muito semelhantes às fêmeas, com uma lista creme do olho à nuca. Tem um aspeto robusto e bico grosso.

Vocalização

Emite um chilreio simples e repetido, integrando os sons típicos de uma cidade.

Alimentação

Alimenta-se no solo, sobretudo de sementes e insetos.

Nidificação

De fevereiro a agosto constrói o ninho com ervas, penas, fios e até papel formando uma taça, geralmente debaixo de telhas, em buracos, mas também em árvores.



Onde e quando pode ser visto?

É residente, estando presente ao longo de todo o ano, por toda a cidade e em grande número. Pode formar grandes bandos, muitas vezes associados aos pombos-domésticos, aproveitando as migalhas que encontram.

No meio urbano, permite a aproximação, facilitando a sua observação e identificação. Nas zonas mais florestadas é menos abundante.



Curiosidades

Durante a noite os bandos juntam-se em dormitórios nas árvores, sendo muito barulhentos ao anoitecer e ao amanhecer. É atualmente a espécie de ave com maior distribuição geográfica no mundo, mas apesar de ser abundante no geral, sofreu um declínio considerável no Reino Unido, sendo-lhe mesmo atribuída atualmente uma elevada prioridade de conservação.

Pintassilgo

Carduelis carduelis



12 cm
21 cm
-
25,5 cm

Passeriformes

Fringillidae

Máscara vermelha

Amarelo nas asas



Identificação

Uma das aves mais coloridas da nossa fauna, de fácil identificação graças às listas amarelo brilhante nas asas que se destacam bem em voo e à sua máscara vermelha, preta e branca. Enquanto o macho e a fêmea são semelhantes, os juvenis distinguem-se pela ausência do padrão colorido na cabeça. Movimentam-se em bandos durante os meses de outono e inverno, incluindo até outras espécies do mesmo género (*Carduelis* ssp.).

Vocalização

O seu canto melodioso é bem conhecido no geral e muito apreciado, levando a que seja ameaçado pela captura ilegal para cativoeiro.

Alimentação

Alimenta-se sobretudo de sementes, mas também consome insetos.

Nidificação

Nidifica de março a finais de julho, construindo ninhos frágeis em ramos altos de árvores.



Onde e quando pode ser visto?

É residente, podendo ser observado ao longo de todo o ano. Está presente em variados habitats, apesar de não ser muito abundante, incluindo o mosaico urbano, parques e jardins, baldios e áreas florestais como Monsanto.



Curiosidades

Pode nidificar duas ou mesmo três vezes por ano. O seu bico é bem adaptado para a alimentação granívora, curto e atarracado, mas pontiagudo, consegue recolher as sementes de plantas inacessíveis para outras aves, como os cardos, uma das suas fontes de alimento preferidas.

Chamariz

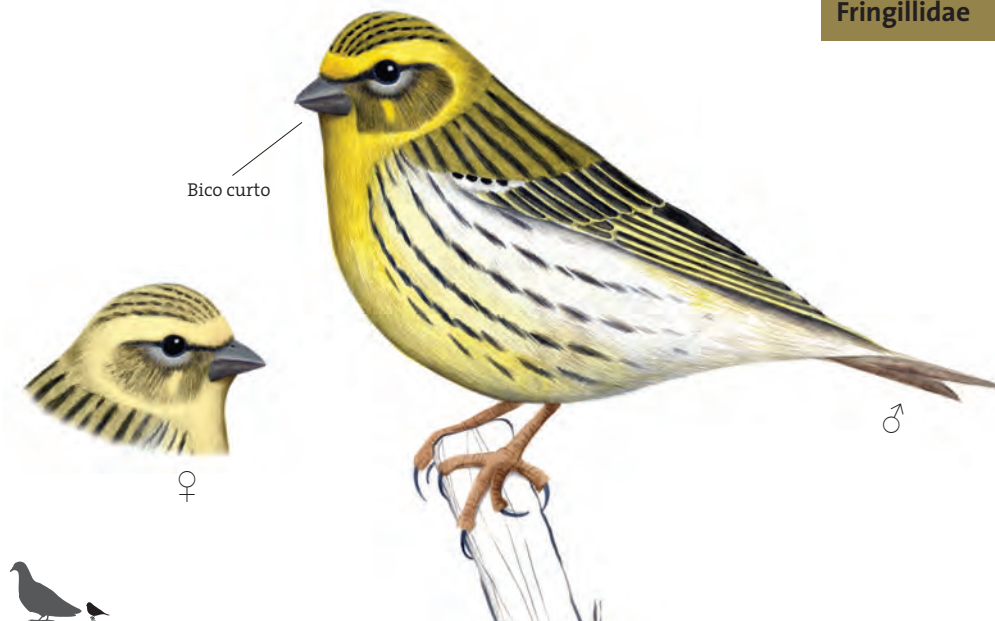
Serinus serinus



11,5 cm
20 cm
23 cm

Passeriforme

Fringillidae



Identificação

Da família dos canários, o seu canto característico e inconfundível é um dos mais ouvidos nos nossos jardins na primavera. É um pequeno pássaro, de bico curto, com a plumagem riscada, sobressaindo o amarelo na cabeça, dorso e peito, mais intenso no macho. A fêmea, com o padrão riscado mais extenso, é mais discreta. Os juvenis têm uma coloração semelhante às fêmeas adultas.

Vocalização

O chamariz tem um canto límpido e repetitivo, com um ritmo rápido. Ouvem-se com frequência cantando demoradamente, pousados nos topos das árvores ao longo de todo o ano.

Alimentação

A dieta é constituída por sementes, pequenos insetos e aranhas.

Nidificação

O ninho é contruído entre fevereiro e março, em forma de taça cuidada, em arbustos altos ou árvores.



Onde e quando pode ser visto?

Bastante comum nos parques e jardins durante todo o ano, ocorre também em Monsanto, matos e hortas, podendo, por vezes, ser observado no mosaico urbano.



Curiosidades

É uma espécie abundante em todo o país, sendo conhecido por variados nomes, como por exemplo, milheiriça, milheira, milheirinha, serino ou canário-bravo. O chamariz alimenta as suas crias exclusivamente de sementes, ao contrário de outros passeriformes granívoros que nutrem as crias com larvas de insetos.

Periquito-de-colar

Psittacula krameri

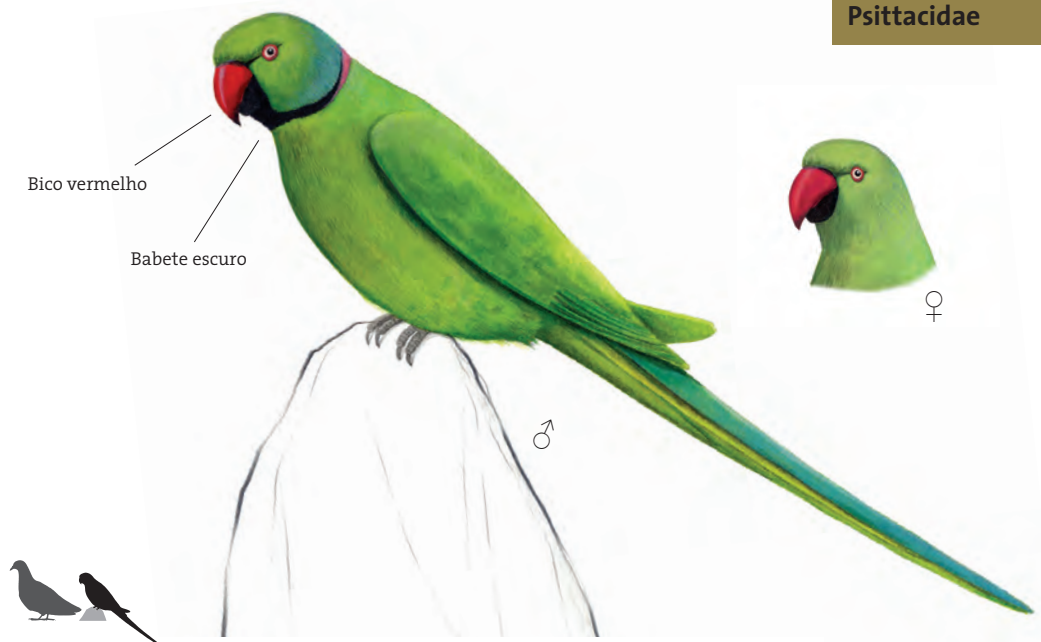


38 cm
-
42 cm

42 cm
-
48 cm

Psittaciformes

Psittacidae



Identificação

Da família dos papagaios, é uma espécie exótica que se adaptou bem ao habitat que encontrou em Lisboa. A sua plumagem é quase totalmente verde, tendo as asas e a cauda comprida uma tonalidade verde-azulada. O macho adulto distingue-se pelo “babete” e colar escuro no pescoço, enquanto os juvenis têm a cauda mais curta e um tom de verde mais amarelado. Não se confunde com nenhuma outra espécie autóctone e é facilmente identificável pois voa em bandos muito barulhentos.

Vocalização

Grito estridente que é emitido quer em voo, quer pousado.

Alimentação

Consome sementes, frutos e bagas.

Nidificação

Nidifica em cavidades em árvores de grande porte, ainda durante o inverno.



Onde e quando pode ser visto?

Está presente durante o ano inteiro, nos parques e jardins e um pouco por toda a cidade. Sendo gregário na maior parte do ano, está frequentemente integrado em bandos de algumas dezenas de indivíduos, que se deslocam ao nascer e pôr do sol entre os locais de alimentação e os dormitórios. A Alameda da Universidade, o Jardim da Estrela e a Quinta das Conchas são exemplos de locais onde facilmente se podem observar ao final do dia.



Curiosidades

Esta espécie oriunda de África e Ásia, devido à sua grande adaptabilidade está hoje presente em muitas cidades do mundo inteiro, provavelmente proveniente de fugas ou libertação de cativeiro.



FICHA TÉCNICA

Edição

Câmara Municipal de Lisboa / Lisboa E-Nova

Coordenação

Inês Metelo (CML)
Maria Santos (Lisboa E-Nova)

Edição científica

Verónica Bogalho (NaturEco)

Textos

Inês Metelo (CML)
Verónica Bogalho (NaturEco)

Ilustrações e design

Inês do Carmo (CML)

Ano de edição

2015

Este guia integra o projeto Mochila Verde.

